

Retratos femininos no século XIX por meio da imprensa: revista A Palavra: Revista Litteraria dedicada á instrucção e recreio da mulher (1891-1897)


Female Portraits in the 19th Century through the Press: A Palavra: A Literary Magazine Devoted to the Instruction and Recreation of Women (1891-1897)

Retratos femeninos en el siglo XIX a través de la prensa: revista A Palavra: Revista Litteraria dedicada a la instrucción y recreación de la mujer (1891-1897)

Maria Heloisa Scheel da Silva¹

 <https://orcid.org/0009-0006-7526-4520>

Luana Beatriz Paes Magalhães²

 <https://orcid.org/0000-0002-8915-9581>

Simone Burioli³

 <https://orcid.org/0000-0002-8766-8331>

Resumo: O objetivo deste trabalho foi levantar e analisar a instrução das mulheres na revista A Palavra: Revista Litteraria dedicada á instrucção e recreio da mulher entre os anos de 1891 e 1897, considerando o papel social feminino da época e buscando perceber como as mulheres eram instruídas por meio da imprensa. Sendo assim, na metodologia, optou-se pelo estudo documental das publicações da revista, disponível no acervo digital do site oficial da Biblioteca Nacional Digital – Brasil, bem como de um levantamento bibliográfico sobre a temática. A pesquisa é fundamentada em autores como Floresta (1989), Vaquinhas (1997), Cunha (2014) e Del Priore (2020), dentre outros que trabalham com a temática, a fim de contextualizar e estabelecer relações com a análise. A revista contempla uma seção denominada A mulher, onde foi possível localizar a maior parte das matérias e perceber as condições em que elas viviam, sendo inferiorizadas e submissas aos homens de sua família.

Palavras-chave: História da Educação. Instrução feminina. Imprensa feminina.

¹ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: heloisascheel@gmail.com

² Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: luana.b.magalhaes@uel.br

³ Professora Associada do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina e do Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: prof.simone@uel.br

Abstract: This study aims to examine the instruction of women in A Palavra: Literary Magazine Dedicated to the Instruction and Recreation of Women, published between 1891 and 1897. It considers the social role of women during that period and investigates how the female readership was educated through the press. The methodology adopted includes a documentary analysis of the magazine's issues, available in the digital archives of the official website of the National Digital Library of Brazil, as well as a bibliographic review of related literature. The research is grounded in the works of scholars such as Floresta (1989), Vaquinhos (1997), Cunha (2014), and Del Priore (2020), among others, in order to provide context and support the analysis. A specific section of the magazine titled A Mulher (The Woman) proved to be particularly rich in relevant content, revealing the conditions in which women often lived, positions of subordination and inferiority to the men in their families.

Keywords: History of Education. Women's Education. Women's Press.

Resumen: El objetivo de este trabajo fue relevar y analizar la instrucción de la mujer en la revista A Palavra: Revista Litteraria dedicada á instrucção e recreio da mulher entre los años 1891 y 1897, considerando el rol social femenino de la época, y buscando comprender cómo se instruyó a las mujeres a través de la prensa. Para alcanzar dicha meta, la metodología adoptada fue el estudio documental de las publicaciones de la revista, disponibles en el acervo digital del sitio oficial de la Biblioteca Nacional Digital – Brasil, así como un relevamiento bibliográfico sobre el tema. La investigación se basa en autores como Floresta (1989), Vaquinhos (1997), Cunha (2014) y Del Priore (2020), entre otros, que trabajan con el tema, con el fin de contextualizar y establecer relaciones con el análisis. Dentro de la revista existe una sección llamada A mulher, donde fue posible ubicar la mayoría de los artículos y comprender las condiciones en las que vivían, siendo disminuidas y sometidas a los hombres de su familia.

Palabras-clave: Historia de la Educación. Instrucción Femenina. Prensa Femenina.

Introdução

A instrução da mulher no século XIX é um tema de grande relevância a ser estudado a partir das perspectivas histórica e educacional, a fim de compreendamos o papel social e a educação que eram direcionadas à mulher na sociedade daquela época, a qual possuía uma estrutura patriarcal e machista que se estende ao longo da história até os dias atuais. Uma das possibilidades de análise sobre essas questões é expressa por meio da imprensa, neste caso em específico, a revista denominada *A Palavra: Revista Litteraria dedicada a instrucção e recreio da mulher*⁴.

Trata-se de um trabalho com fontes históricas, sendo analisado um periódico da segunda metade do século XIX, que permite compreender as visões, expectativas e definições quanto a ser mulher naquele momento. Na revista, disponível na Biblioteca Nacional Digital, são encontradas publicações referentes à instrução entendida como a forma “correta” de comportamento, até as roupas ideais a serem vestidas por elas. Torna-se significativo o olhar para as instruções apresentadas, pois elas geram reflexões sobre a força e influência que o patriarcado e a religião possuem na sociedade, que resulta em estereótipos acerca do papel social da mulher.

Nesse sentido, o objetivo da pesquisa foi levantar e analisar brevemente a definição e a instrução das mulheres no século XIX por meio da revista e perceber a forma como elas eram

⁴ Optou-se por manter a escrita original da Revista, mesmo não obedecendo a Língua Portuguesa atualizada.

instruídas, considerando o papel social para o qual eram destinadas na época, o que permite uma reflexão quanto aos avanços e retrocessos que ocorreram e refletem na atualidade. Para o estudo do tema, a fim de estabelecer relações entre o que é apresentado na revista, foi imprescindível a busca por bons referenciais teóricos. Sendo assim, o trabalho é fundamentado em autores como Floresta (1989), Vaquinhas (1997), Cunha (2014) e Del Priore (2020), dentre outros que estudaram e estudam sobre a história das mulheres e sua instrução no século XIX.

Procedimentos metodológicos

O trabalho de pesquisa com fontes históricas permite o acesso aos acontecimentos e fatos passados, considerando que estes são tudo o que os seres humanos produziram e retratam a forma como viveram em determinados períodos da história (Barros, 2019). É também uma forma significativa de aprendizagem, pois possibilita fazer uma relação, bem como uma discussão entre o passado, o presente e o futuro, de modo a compreender um pouco da história em diferentes contextos temporais.

Além disso, trata-se também de uma pesquisa bibliográfica, com a revisão de autores que tratam sobre a história e a educação das mulheres no contexto temporal proposto para a pesquisa, a fim de estabelecer uma relação com o tema de análise do periódico.

A escolha da revista ocorreu por meio de palavras de busca dentro do site da biblioteca, tais como: “mulheres”, “educação das mulheres”, “instrução das mulheres”, “mulheres no século XIX”, dentre outras. O referido periódico foi produzido em Alagoas, no município de Penedo, no fim do século XIX, sendo destinado às mulheres. Suas publicações estavam, em grande parte, relacionadas ao seu papel social, ou seja, à forma como elas deveriam ser e se comportar. É interessante destacar que a maioria das matérias era escrita por homens.

Coincidentemente, poucas tratavam sobre os estudos, a vida social e a emancipação das mulheres. São escassos também os dados acerca da revista, como, por exemplo, quem a produziu, o motivo e como era mantida, sendo que as informações encontradas são apenas do próprio site da Biblioteca Nacional Digital.

A revista era vendida por assinatura, paga por mês, com valores que variavam entre 500 e 6 mil réis durante os anos em que foi publicada. Suas publicações eram semanais, lançadas todos os sábados. Ela recebia colaboração de escritores, tanto homens quanto mulheres, para a escrita de suas colunas, que se organizavam em poemas, músicas, informações, descobertas da semana, anúncios comerciais, dentre outros.

No acervo digital da Biblioteca Nacional Digital, foram encontradas suas publicações entre os anos de 1889, ano do lançamento, e 1897. Como foi localizada apenas uma publicação no ano de 1889,

a qual não possuía títulos para análise, e nenhuma no ano de 1890, a leitura e análise iniciaram-se a partir de 1891 até 1897, último ano disponível no acervo digital. No ano de 1892, há também apenas uma publicação disponível, que não aborda a temática, totalizando, assim, a análise de 6 anos de publicações da revista.

Após essa investigação, foram contadas as publicações da revista e, dentre os anos que seriam analisados, existiam 198 publicações. Já a partir da observação de cada uma delas, foi possível perceber que 85 apresentavam, de forma direta, uma instrução para as mulheres: seu papel social, para o que elas estavam destinadas, a forma como deveriam ser e se comportar, além de algumas matérias relacionadas à possível emancipação, em decorrência do movimento feminista que chegou ao Brasil em meados do século XIX.

Considerando o elevado número de exemplares encontrados na revista e o tempo para a realização do trabalho, tornou-se necessária uma organização para identificar as publicações semelhantes, com um determinado foco, e eliminar aquelas que não se encaixavam no objetivo proposto para a pesquisa. Assim, a partir das observações dos títulos de cada publicação, foi decidido que seria feita a análise daquele que aparecia com frequência em todos os seis anos, intitulado *A Mulher*. E, para melhor compreensão e organização dessas matérias analisadas, bem como para aprofundar a análise e discussão, foi elaborado um quadro de informações indicando o ano da revista, número, título, autor e o assunto abordado

Um breve histórico da instrução das mulheres no século XIX

O século XIX, no Brasil, foi um período composto por uma sociedade estruturalmente patriarcal, religiosa e escravocrata, que passou por grandes mudanças em seus âmbitos social, educacional, político e econômico, o que gerou novas ideias e perspectivas acerca dessas questões, tornando a sociedade mais diversa. Foi nesse período que se iniciaram os protestos contra a submissão feminina, muito forte na época, organizados, primeiramente, por mulheres de classe média e alta, sendo estas brancas e livres (Cunha, 2014).

O papel da mulher brasileira ao longo do século XIX, como destaca Cunha (2014), era especificamente direcionado aos trabalhos e atividades domésticas. Enquanto os homens eram preparados para uma responsabilidade financeira, voltada para o trabalho e sem preocupação com os afazeres domésticos, a mulher era preparada para o cuidado do lar e da família, para o casamento, devendo ser uma boa esposa e mãe, submissa e fiel ao homem.

Além de uma sociedade patriarcal e escravocrata, Cunha (2014) ressalta que os valores católicos e positivistas também predominavam no século XIX. Ambas as concepções eram

conservadoras, afetando ainda mais o papel das mulheres, que deveriam seguir esses valores, os quais defendiam que o espaço social e político era exclusivamente dos homens, bem como sua função produtiva; e o espaço privado era das mulheres, bem como a função reprodutiva, considerando-se, assim, a inferioridade da mulher relacionada a questões biológicas (genéticas).

De acordo com os ideais positivistas, as mulheres tinham um importante papel social, pois, com sua “superioridade moral”, conseguiam formar uma nova sociedade, contrapondo-se à rigurosidade masculina. Sendo assim, não existia, sob a ótica do positivismo, uma igualdade entre homens e mulheres, pois elas eram importantes apenas nessa nova formação da sociedade, e seu espaço continuava a ser privado. Com isso, justificava-se a falta de sua competência para os negócios e para a política, pois a mulher era considerada mais sentimental do que racional (Vaquinhas, 1997).

Além de a mulher não possuir direitos políticos, ela era proibida de fazer a administração de seus bens e da família, a não ser que seu marido aceitasse essas situações, como explica Vaquinhas (1997). A mulher casada, diante da lei, “não passava de uma menor: não podia ser testemunha, contrair dívidas, assinar um contrato, escrever para o público, publicar livros ou exercer uma profissão” (Vaquinhas, 1997, p. 41). Para tudo, era necessário autorização do marido; inclusive, se trabalhasse, seu salário pertencia integralmente a ele.

A ausência das mulheres na política e em cargos públicos estava, obviamente, relacionada à estrutura patriarcal, tanto que não era questionada pelos homens que ocupavam esses espaços, pois, para eles, não era necessária qualquer mudança, tendo em vista que essa situação os favorecia (Floresta, 1989, p. 64). Para Campoi (2011, p. 209), “as mulheres à frente do exército, administrando a justiça ou ensinando nas universidades seriam situações normais” se toda a sociedade agisse de forma racional e respeitosa.

Mesmo com todas essas questões relativas ao papel feminino direcionado aos afazeres domésticos, é importante destacar que as mulheres pobres, solteiras, que tinham filhos e precisavam sustentar seu lar, ou pelo menos dividir o sustento, praticavam o trabalho informal de forma subordinada e inferior, a fim de garantir a sua sobrevivência (Lopes, 2011).

Toda a preparação para cuidados domésticos e da família era algo considerado da natureza feminina, condição que Nísia Floresta (1989) definiu como injusta e que privava a vida das mulheres, dando a elas um tratamento diferente. Para a autora:

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós nascemos para seu uso, que não somos próprias senão para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles homens. (Floresta, 1989, p. 37)

Fica nítida a diferença dos ideais para com a educação do homem e da mulher, e isso era muito reforçado, tendo em vista que até nas escolas femininas, as quais eram frequentadas na época apenas por meninas da elite, eram ensinadas atividades relacionadas ao meio doméstico, segundo Cunha (2014). Ou seja, estavam frequentemente ensinando e mostrando para as meninas qual era o seu papel na sociedade e que para ocupá-lo, não era necessário aprender mais do que aquilo e dominar outros tipos de conhecimento.

Durante o século XIX, os espaços educativos e a instrução eram precários, com pouco tempo de ensino, de baixa qualidade, principalmente quando se tratava de ensinar as mulheres, marcados pela ausência de recursos e de conhecimentos significativos. Afinal, se as mulheres tivessem uma instrução dedicada à aquisição de conhecimentos, haveria a possibilidade da falta de controle dos homens sobre a esposa e filhas, pois, a partir de questionamentos, elas não seriam mais submissas a diversas situações (Del Priore, 2020).

Por isso, “elas não deveriam se dedicar à leitura nem precisavam escrever, porque poderiam fazer mau uso da arte” (Del Priore, 2020, p. 105). Segundo ainda a autora, era uma forma de ensino diferente daquela que já existia em outros países, como na Europa, onde as disciplinas eram ofertadas igualmente aos diferentes gêneros.

Além das diferenças de papéis sociais da mulher na sociedade, a condição ainda se tornava pior para elas quando consideradas as questões de classe social, econômica e racial. Por isso, a educação escolar, naquele momento, ainda era limitada, sendo destinada apenas às meninas da elite, privilegiadas e, mesmo assim, como já dito, eram enfatizadas as atividades voltadas às habilidades domésticas, além de alguns ensinamentos de leitura e escrita, enquanto as demais meninas pobres permaneciam com os trabalhos e cuidados em casa, sem receber uma educação formal (Cunha, 2014).

Nísia Floresta falava do fracasso do ensino de forma geral e também denunciava escolas da Corte, nas quais os profissionais que ali atuavam eram despreparados para o trabalho na área da educação. Suas críticas também se voltavam para a educação feminina, que ensinava e preparava as meninas para trabalharem nos salões (Campoi, 2011).

Segundo Campoi (2011), a vida nos salões, tanto sociais quanto políticos, em meados de 1820 gerou uma mudança no ensino para as garotas da elite, que até o momento eram alfabetizadas de forma simples, religiosa e com atividades ligadas ao lar, como a costura. Essa convivência nos salões deu início a uma participação da mulher na vida social, permitindo-lhes comportamentos diferentes, longe do espaço privado. Porém, como expressa Lopes (2011), isso não fez parte de uma emancipação feminina, pois uma das intenções dessa participação da mulher em um espaço social era conhecer e encontrar um homem, ou seja, garantir um casamento.

A partir da metade do século XIX, passou-se a difundir a ideia de sair e se divertir em ambientes sociais. Ocorriam festas e celebrações, sendo um momento marcado por bailes. Por isso, tornou-se necessária a mudança de antigos hábitos. Del Priore (2020) destaca que:

A minoria privilegiada que compunha a classe dominante no Brasil oitocentista deveria servir de exemplo em relação a hábitos e condutas o restante do Império. Para impô-las, havia um cardápio sobre bons e maus modos: Código do bom-tom, adotado primeiro pelos franceses, depois em Portugal, em 1845, e então no Brasil. Logo ganhou leitoras, que seguiam suas concepções de bons hábitos de higiene, de conduta e moral que modelassem ações cotidianas (Del Priore, 2020, p. 95).

A autora ainda ressalta que o Código de bom-tom seguia o modelo patriarcal e católico predominante da época, o qual destacava o controle sobre as mulheres e seu papel apenas como esposa e mãe. Obviamente, os hábitos e as condutas eram mais direcionados às mulheres, pois, segundo Roquette (1997), elas deveriam ser obedientes e respeitadas, sendo impedidas até de tomar uma taça de vinho em público, para não causar vergonha à família nem apresentar atitudes inconvenientes. Havia regras para seu comportamento, expostas pelo mesmo autor, que reforçam a diferença da educação direcionada às meninas e aos meninos:

Caso se calarem, cala-te também [...]; se te divertires, mostres senão uma alegria moderada; se estiveres aborrecida, dissimula e não dês a conhecer [...]; nunca por tua vontade prolongues a conversação. Aceita e come o que te oferecem e, quando desejes outra coisa, não o digas. Não ostente em público suas prendas. (Roquette, 1997, p. 150)

Portanto, apesar de todas as atribuições apresentadas referentes ao comportamento da mulher, Vaquinhos (1997, p. 35) afirma que “a história da condição feminina, no decurso deste século, não se restringe ao desenrolar de uma longa submissão”.

Chegando às últimas décadas do século XIX, houve o surgimento de alguns pensamentos quanto à educação e ao trabalho para as mulheres, devido a mudanças sociais e econômicas ocorridas durante o século. A necessidade de uma instrução para a mulher, o aumento da mão de obra e do comércio, decorrentes da expansão do capitalismo vigente, faziam com que a mulher pudesse realizar essas tarefas e organizar a própria vida. Porém, como aponta Cunha (2014), essa inserção exigia menos conhecimento e qualificação, com uma remuneração muito inferior à dos homens; ou seja, houve a ocupação das mulheres no ambiente de trabalho, mas em péssimas condições. Ainda assim, mesmo com condições diferentes, foi mais um marco para a participação social da mulher, o que parecia impossível no início do século (Vaquinhos, 1997).

No livro “Direito das mulheres e injustiça dos homens” (1989), Nísia Floresta ressalta que as mulheres precisavam de mais oportunidades, pois tinham a mesma capacidade que os homens, os quais,

por estarem tão acostumados àquela realidade patriarcal que os favorecia, não conseguiam pensar que pudesse ser de outro modo. Afinal, não iriam querer mudanças, já que estavam em situação privilegiada e confortável.

Quando a educação de forma religiosa para as meninas foi ofertada, surgiu a oportunidade de um campo de atuação para elas: o magistério. Com isso, teriam uma profissão e, consequentemente, um salário, sendo uma oportunidade também para uma emancipação, com um papel mais ativo na sociedade (Cunha, 2014).

Diante dessas primeiras mudanças ocorridas, as últimas décadas do século XIX foram significativas para a questão da emancipação da mulher, pois deram início à sua inserção em trabalhos fora do meio doméstico e à possibilidade de uma instrução escolar, os quais, consequentemente, poderiam gerar autonomia e participação na sociedade. Além disso, surgiu, nesse período, a ideia do feminismo, levando à consciência por reivindicações de direitos e à necessidade de conquistá-los (Vaquinhas, 1997).

O movimento feminista, vindo da Europa, chegou ao Brasil em meados do século XIX, com o desejo e a luta das mulheres para ocuparem o seu espaço na sociedade, reivindicando seus direitos à educação, ao voto e também no casamento. Ou seja, neste momento, os direitos estavam voltados para as questões civis (Pedro, 2005). É válido ressaltar que o início desse movimento foi composto majoritariamente por mulheres brancas e ricas, o que passou a mudar apenas algumas décadas depois.

Por conta desse feminismo que crescia em uma esfera internacional, como explica Lopes (2011), as tentativas de emancipação eram muito evidentes, sendo impossível ignorá-las, mesmo ocorrendo de forma limitada. Nesse momento, existe uma imagem ambivalente da mulher, em que ela se divide, segundo Vaquinhas (1997, p. 37), “entre tradição e a modernidade, a resignação e o inconformismo, a submissão e o desejo de liberdade”.

Um fato importante desse período está relacionado a um espaço ocupado pelas mulheres: o da escrita, seja do texto literário ou político, sendo um modo que lhes possibilitava obter o seu sustento. Nísia Floresta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto (1810-1885), retrata bem essa situação (Del Priore, 2020). Nascida no Rio Grande do Norte, em família da elite, ela se casou aos 13 anos de idade e abandonou o marido um ano depois. Sustentou sua família (mãe e irmãos) com seu trabalho voltado ao ensino, como professora e proprietária de uma escola. Publicou, em 1832, *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, em que aponta as desigualdades existentes entre os gêneros em seus direitos e educação. Afinal, textos acerca das mulheres, entre outras temáticas polêmicas, eram sua especialidade (Campoi, 2011).

Nesse sentido da escrita, Rodrigues (2017) ainda afirma que:

[...] apesar de vários obstáculos, desde o início do século XIX, o Brasil contou com uma produção periódica destinada às mulheres, sendo o primeiro jornal escrito e dirigido por uma mulher [...] o *Jornal das Senhoras*. (Rodrigues, 2017, p. 60)

O *Jornal das Senhoras*, criado e lançado em 1852, colaborou de forma significativa para a disponibilização de informações essenciais que despertaram o interesse e o desejo de mudança das mulheres, levando-as a colocá-las em prática e a participarem ativamente da imprensa, com suas escritas. Temos como exemplo de escritora, também, Andradina América de Andrada e Oliveira, feminista que escreveu o livro *Divórcio?*, no qual destacou a opressão vivenciada pelas mulheres cotidianamente. Ela gerou novos olhares, ao reunir diversas cartas escritas por mulheres e homens casados, as quais revelavam situações infelizes da relação e, ainda, redigindo outras cartas como resposta, abordando o feminismo. Escritas femininas e feministas ampliaram-se entre o século XIX e o início do século XX (Del Priore, 2020).

Foi por meio da educação que as mulheres despertaram para uma consciência que as levou à busca de seus direitos, a fim de reivindicá-los para garantir o seu devido espaço na sociedade, no meio profissional e, inclusive, no educacional, proporcionando, conseqüentemente, a sua emancipação. Essas questões fazem parte da história da mulher na luta por seus direitos e permanecem de forma corajosa até o século atual. Desse modo, estudar sobre a história da educação “nos ajuda a compreender que, contra a engrenagem da repetição, contra o retorno da adversidade, há o desejo de autonomia e igualdade [...] Há o desejo de dizer ‘sim’ num mundo que diz ‘não’.” (Del Priore, 2020, p. 9). A partir disso, pode-se concluir que:

Miserável e gloriosa, a mulher do século XIX. Conformistas ou revoltadas, donas de casa ou jornalistas [...] com as suas contradições e limites, ajudaram a redistribuir os papéis sexuais na sociedade. Uma redistribuição que ainda hoje não terminou e da qual somos devedores. (Vaquinhas, 1997, p. 52)

Portanto, as lutas das mulheres, ocorridas a partir do século XIX com a chegada do movimento feminista ao Brasil, as quais buscavam garantir seus direitos como cidadãs e ocupar espaços sociais, geraram grandes mudanças que se estendem até os dias atuais. Porém, considerando todos os anos que se passaram, percebe-se uma lenta progressão das mudanças e também um discurso teórico forte sobre a igualdade entre homens e mulheres, o qual não ocorre de forma significativa na prática. Isso apenas ressalta a necessidade da continuidade dessa luta feminina, para que os avanços sejam cada vez mais frequentes e, um dia, a equidade — e não apenas a igualdade — esteja presente sob os olhares da sociedade.

Com todo esse contexto, ao olhar para nossa fonte, é possível perceber as questões apresentadas e discutidas pelos autores acerca da instrução feminina. A maioria das publicações foi

escrita com o objetivo de instruir as mulheres em seu comportamento, nos afazeres domésticos, suas vestimentas, e mostrando a elas o que era ser mulher a partir de definições advindas da estrutura patriarcal e religiosa existente. Assim, eram guiadas para o casamento e a maternidade, os quais eram considerados como missões em suas vidas. E, obviamente, não encontravam muitas matérias que apresentassem sobre a importância de se ter uma independência. Vale ressaltar também que a revista era paga, portanto, as mulheres que a acessavam eram as que tinham melhores condições financeiras, o que só reforça as diferenças também causadas pela classe social, econômica e racial.

A partir disso, é possível analisar a próxima seção de forma mais significativa, com a apresentação da revista, relacionando-a ao histórico apresentado sobre o retrato da mulher no século XIX, de modo a refletir também sobre as definições e instruções das matérias analisadas e perceber seus reflexos ainda nos dias atuais.

Matérias analisadas

Para cumprir o objetivo do trabalho de forma significativa, nos dedicamos a analisar o tópico A Mulher, o qual está presente em várias publicações da revista, totalizando 28 matérias publicadas. No quadro I, é possível observar as matérias analisadas de *A Palavra: Revista Litteraria dedicada à instrução e recreio da mulher*, com suas informações disponíveis no acervo digital do site oficial da Biblioteca Nacional Digital.

QUADRO I - “A mulher” na revista

(Continua)

Ano	Número	Título/Autor	Assunto
1891	33	A mulher	A mulher como uma obra de Deus, pura e inocente, sendo comparada à várias maravilhas naturais, como “a brisa da manhã”.
1891	34	A mulher – José Egydio	A mulher tem capacidades, assim como o homem para o trabalho, porém, considera-se acompanhar seu marido nesse meio, sendo uma boa esposa e não superior a ele.
1891	35	A mulher – Manoel Arão	Definição da mulher moderna da época, que se resume em ser sublime; ela deve cuidar da sua família, inclusive, formando bons filhos, futuros cidadãos.
1893	26	A mulher – A. F. de Castilho	A mulher criada por Deus com exemplos do belo natural, como o brilho do ouro solar e os cânticos suaves das aves, o que a torna apta a ser modelo de mulher de família.

(Continuação)

1893	32	A mulher – Augusto Britto	Comparação entre homens e mulheres de forma conotativa, sendo, respectivamente borboleta e flor, a qual coloca a mulher em posição digna na sociedade.
1894	7	A mulher – Ohniuquihc Atarab	A mulher como símbolo de amor e doçura, devendo ela amar mais que os homens, tendo em vista que eles consideram isso um passatempo.
1894	8	As mulheres	Exemplos femininos reconhecidos pelos trabalhos em Portugal, Itália e nação Garo, as quais possuem direitos básicos, como o de voto, e que chefiavam a família, porém, em compensação a inteligência, eram consideradas as mais feias fisicamente.
1894	20	A mulher	A mulher como ser essencial para a felicidade do mundo, vinda do paraíso, enfeitando a terra junto às flores com suas delicadezas.
1894	22	A mulher - Joni	A mulher como companheira do homem, sendo criada para completar a felicidade do mesmo, e definida como irmã, esposa e mãe.
1895	2	A mulher – M. R. F	A mulher como um ser perfeito e divino, símbolo do amor, da bondade e da beleza.
1895	7	A mulher – D. Antonio da Costa	A mulher como um ser sedutor que faz com que os homens, considerados os perfeitos da espécie, se curvem diante dela, como se fossem as mulheres perfeitas.
1895	12	A mulher – George Granval	A mulher como um ser sagrado de Deus, que traz felicidade ao mundo e aos homens, pois, sem elas, não teriam motivos para sorrir.
1895	18	A mulher – Barão de Santo André	A mulher e os ideais de ser uma boa filha, esposa e mãe, o que envolve todo seu amor, afeto e dedicação para o bem maior da família.
1895	29	A mulher	A mulher como exemplo de amor, ternura, beleza e fé.
1896	6	A mulher – Ramalho Ortigão	A mulher como um ser naturalmente desenvolvido para ser esposa e mãe, a qual é a melhor companhia para um homem, pela sua bondade, sensatez e compreensão.
1896	20	A mulher – J.F.G	A mulher protetora do lar e as que defendem o seu povo, que dá forças e encoraja os demais tornando mais fácil a dureza da vida, elas equivalem a grandes diamantes.
1896	24	A mulher – Procopio Campos	A mulher como o ser mais sublime, puro e nobre que dá calma a vida dos homens; a que deve se dedicar exclusivamente para seu marido e filhos.

(Conclusão)

1896	30	A mulher – João Casimiro V. Filho	A mulher como filha, sendo obediente e repleta de amor; e como mãe, transbordando sentimentos bons e cuidando de seus filhos para que tenham um futuro brilhante.
1896	34	A mulher – M. de Maussion	A mulher repleta de amor e obediência à sua família; bem educada e sempre querendo agradar.
1896	37	A mulher	As semelhanças e diferenças naturais entre as mulheres e os homens.
1896	39	A mulher	A mulher dotada de delicadeza, timidez e sensibilidade; que possui uma fraqueza encantadora que encoraja os homens.
1896	40	A mulher	A mulher como ponto de calma e paz para os homens diante a correria da vida; são elas meigas, delicadas, sensíveis e generosas.
1897	3	A mulher	As missões para as quais as mulheres são destinadas, baseadas em seu amor, delicadeza e doçura.
1897	4	A mulher – Emerentina Simões	A mulher nascida para o lar e afazeres domésticos; boa esposa e mãe; o homem nasceu para trabalhar fora de casa, enquanto a mulher o servia.
1897	14	A mulher – João Casimiro V. Filho	A mulher como escolhida por Deus para ser companheira dos homens; o ser perfeito, divino e imenso.
1897	19	A mulher	A mulher como companheira do homem, que vive por ele e compartilha de todos os momentos da vida.
1897	24	A mulher – Joaquina Pascues	A mulher é instruída a viver exclusivamente para o homem, a qual não pode ser responsável por seus atos.
1897	30	A mulher	A mulher como ser puro, nobre, delicado e sensível; que nasceu para a maternidade; crítica as mulheres que não cumprem com a sua missão divina.

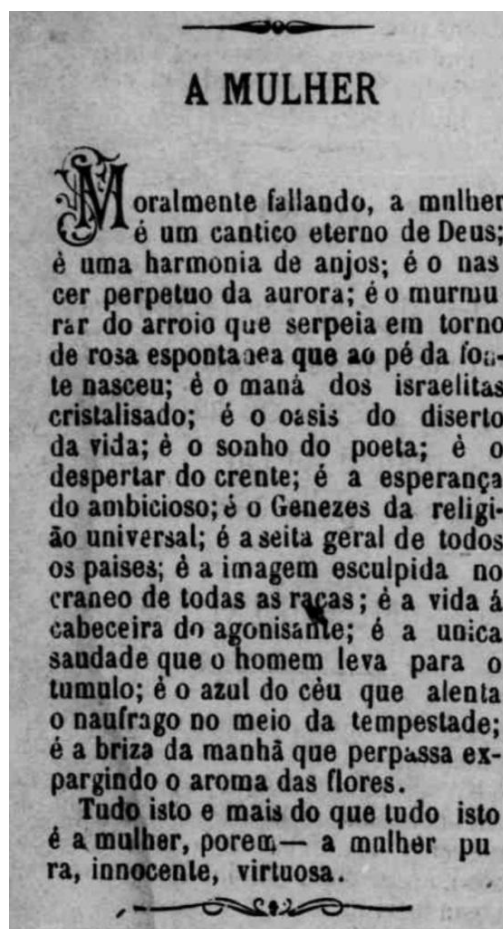
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Ao observar o quadro, é possível perceber que 21 das matérias, ou seja, a maioria delas, estão relacionadas à “definição” da mulher da época, enquanto as 7 restantes tratam de instruções a serem seguidas por elas, a fim de exercerem o seu papel social. Em ambas, é nítida a fragilidade das condições em que as mulheres viviam, sendo inferiorizadas e submissas aos homens de sua família, seguindo a forte estrutura machista e religiosa existente.

Logo no início, percebe-se em algumas matérias que as mulheres são colocadas como uma obra de Deus, em seu sentido de pureza, amor e como alguém que leva felicidade aos homens, como

é o caso da matéria número 33 (1891), que pode ser observada na figura 1, e que também aparece nas matérias 26 (1893), 2 (1895), 12 (1895), 14 (1897) e 30 (1897).

FIGURA 1 - “A mulher” relacionada a uma obra de Deus



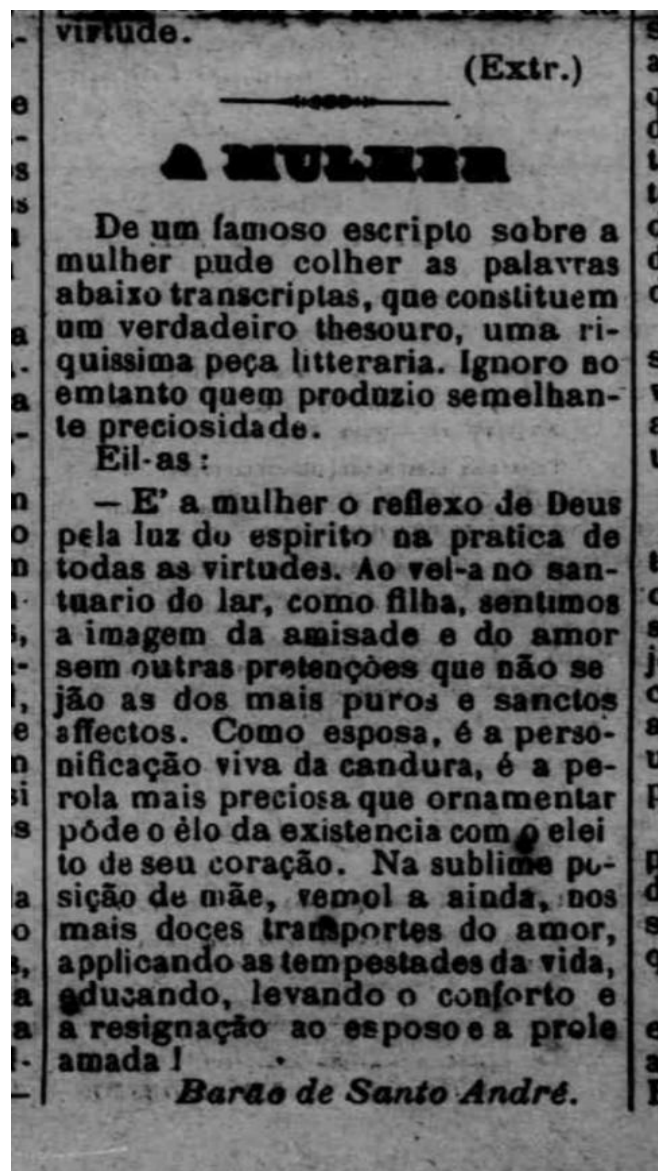
Fonte: *A palavra: Revista Litteraria dedicada á instrucção e recreio da mulher* (1891)

A partir das referências da mulher como um ser divino, ela era submetida ao padrão social de um ser inocente, cheio de amor e bondade, como nota-se na revista 2 (1895), que ainda aborda a questão da beleza. Pois era uma questão natural do ser feminino, e, sem ela, segundo Roquette (1997), elas se tornavam desagradáveis aos homens, o que, consequentemente, fazia com que se cuidassem mais para eles, ou seja, se submetendo principalmente aos padrões de beleza impostos pela sociedade. Além disso, as mulheres tinham suas missões divinas a serem seguidas, sendo criticadas caso não fossem realizadas. Tem-se o exemplo da revista de número 30 (1897), que pode ser observada no quadro 1.

Até aqui, no que diz respeito à instrução, já é claro que a mulher do século XIX tinha suas atribuições relacionadas ao lar, ao casamento e à família, como afirma Costa (2013), ao fazer uma análise da condição feminina, tendo como base os escritos de Machado de Assis. Na revista analisada,

isso não seria diferente. Muitas matérias escritas envolvem seus principais afazeres, como filha, esposa e mãe. A mulher era vista, geralmente, “por trás” de um homem, primeiro do pai e depois do marido, com sua vida dedicada a eles.

FIGURA 2 - “A mulher” com sua vida associada aos homens da família



Fonte: A palavra: Revista Litteraria dedicada á instrucção e recreio da mulher (1895)

Na figura 2, que mostra a matéria da revista de número 18 (1895), vê-se o exemplo da mulher tendo a sua vida associada aos homens de sua família, bem como a ideia reforçada de um ser amoroso e doce ao exercer seus papéis. Ela deveria ser uma boa filha e, consequentemente, uma boa esposa,

como destacam as matérias das revistas 20 (1896), 30 (1896) e 4 (1897), por exemplo. O problema é que, para isso, o que lhes cabia era a submissão. Caso contrário, não seria honrada no papel de esposa, por exemplo, e, quando falavam, suas opiniões não eram consideradas, como afirma Rodrigues (2017):

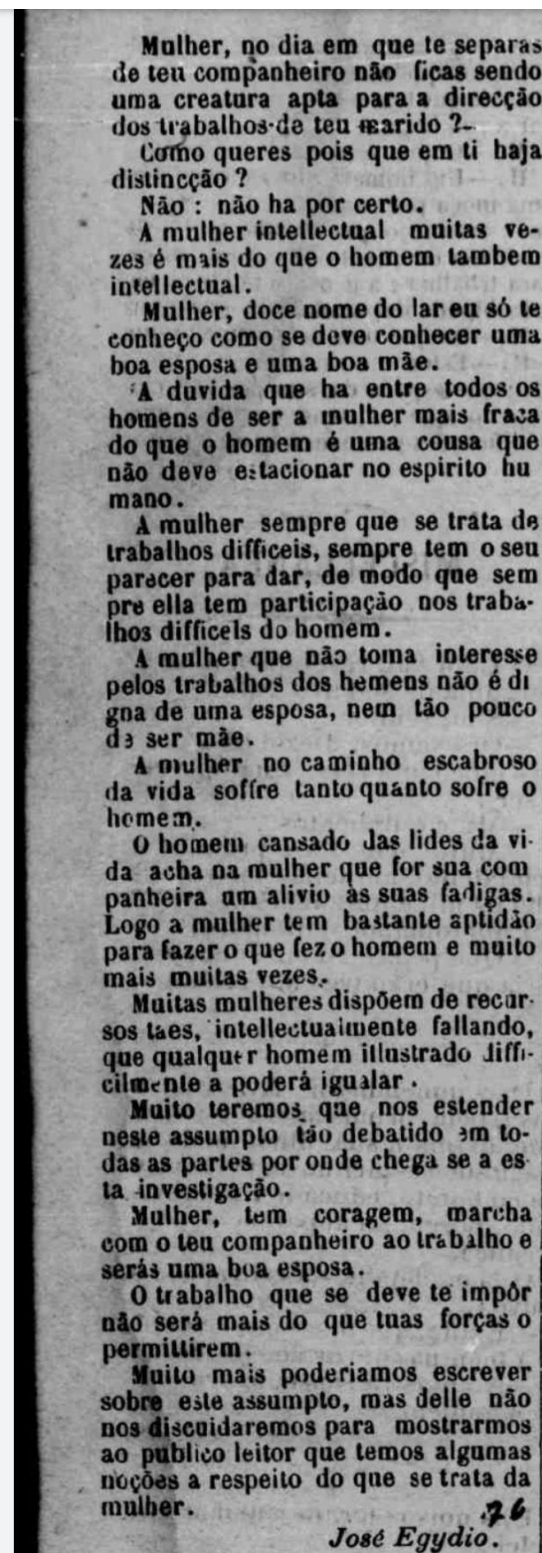
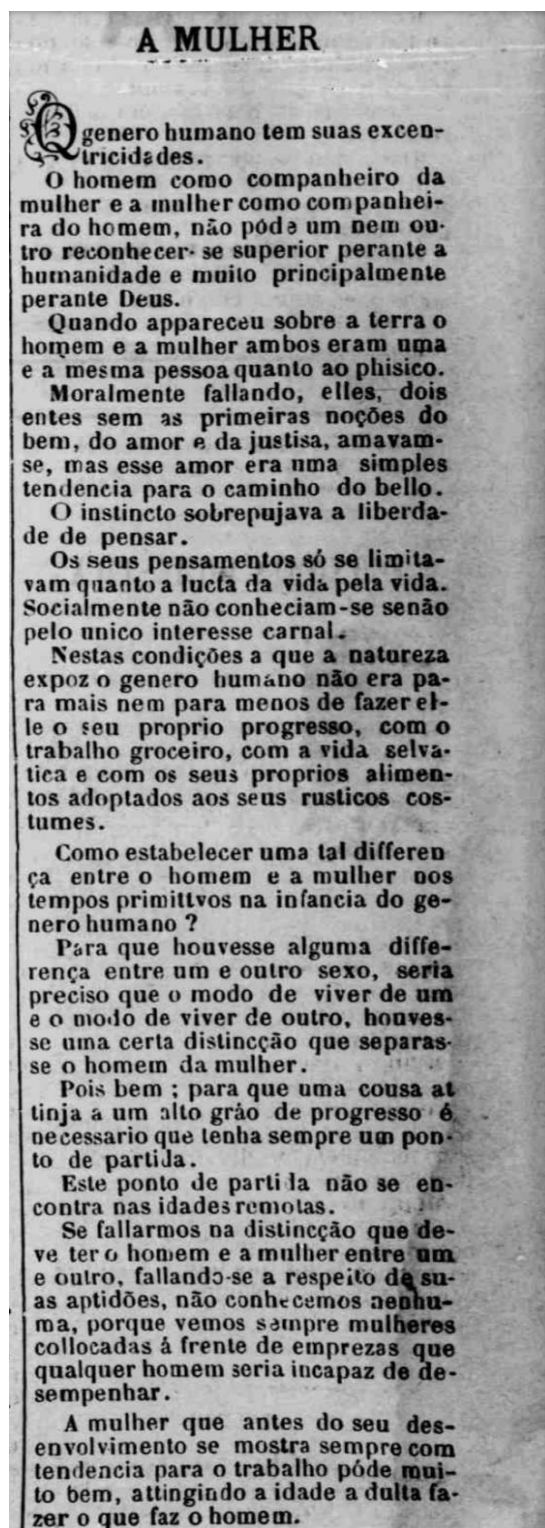
[...] a esposa não opinava, a família era o povo, o homem da casa seu governante, este por sua vez era quem elaborava as leis para que o 'povo', ou seja, a família, mais especificamente a mulher, era dado o direito de obedecer, pois esta poderia reinar no lar, mas as leis eram feitas pelos seus digníssimos cônjuges, pois a boa esposa representaria a honra do esposo. A esta se concedia o direito de ser submissa, trabalhadora (do lar) e calada. (Rodrigues, 2017, p. 60)

A ideia de uma superioridade masculina era predominante no século XIX, portanto, também na revista, que, com outras palavras, em uma determinada matéria, apresenta a mulher como a:

Creada por Deus para ser a constante companheira do homem e em tudo a sua igual, - vivendo por ele e para ele, - compartilhando absolutamente as vicissitudes de sua existencia e o seu destino, - alegrando-se com as suas felicidades, sorrindo-lhe nos seus prazeres, padecendo e mortificando-se nos seus desgostos e desventuras, como si as desventuras e os desgostos, os prazeres e as felicidades do homem fossem positivamente as próprias [...]. (A palavra: revista litteraria dedicada á instrucção e recreio da mulher, 1897, n. 19)

Sabe-se que no casamento, como em outros tipos de relacionamentos, existe o sentimento em que um se “coloca” no lugar do outro, pegando as suas dores, o que está relacionado ao amor. Porém, nessa época, a ideia de ser companheira do homem estava muito restrita à mulher viver exclusivamente para ele, o qual tinha responsabilidade sobre os atos delas, como aparece na matéria da revista de número 24 (1897). Esse companheirismo também é destacado nas revistas 22 (1894) e 6 (1896) por toda a sua bondade, que permite completar a felicidade de seu marido.

FIGURA 3 - "A mulher" companheira do homem



Fonte: A palavra: Revista Litteraria dedicada á instrucção e recreio da mulher (1891).

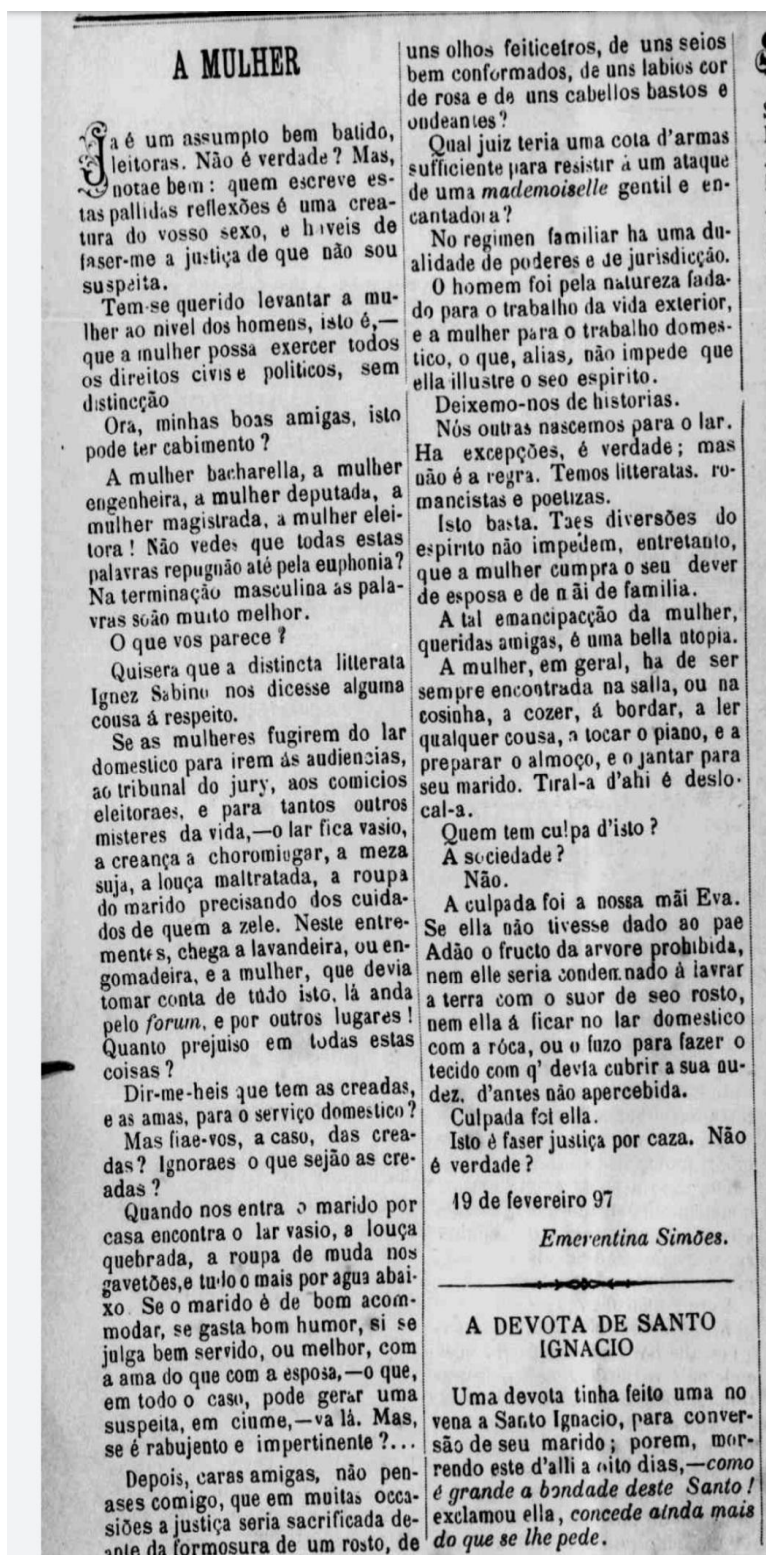
Mesmo quando tentavam escrever algo positivo sobre a mulher, ainda havia de alguma forma uma associação ao seu dever de ser mãe ou esposa, como se vê na figura 3. Na matéria da revista 34 (1891) acima, é abordado no início da escrita que a mulher tem capacidades, assim como o homem, para o trabalho, porém, considera-se acompanhar seu marido nesse meio para que ela seja uma boa esposa, digna de seu papel, ou seja, apesar de sua competência, ela não poderia ocupar um espaço “superior” ao seu marido.

O mesmo caso acontece na revista 8 (1894), que, ao apresentar mulheres que são reconhecidas por seus trabalhos e chefiam as suas famílias, por exemplo, são também colocadas como feias em compensação à sua inteligência, até porque geralmente “não era de bom tom para as mulheres demonstrarem inteligência e opinarem” (Rodrigues, 2017, p. 60). Portanto, isso mostra que a beleza física da mulher também estava associada ao seu comportamento de submissão, que era o ideal, enquanto as que não se encaixavam a ele, eram julgadas e inferiorizadas de outras formas.

Bourdieu (2009) afirma que a dominação masculina tem início a partir da “feminização” e “masculinização” dos corpos, o que gera, segundo Costa (2013), discursos que permitem a divisão de tarefas entre os sexos, sendo umas denominadas para meninos e outras, para meninas, o que é bem nítido na revista em todas as abordagens relacionadas aos afazeres da mulher. Sendo assim, essa dominação não precisa ser justificada, pois se torna algo forte e natural na sociedade. Um exemplo disso é a luta das mulheres pela liberdade e direito sobre seu próprio corpo, enquanto os homens não precisam se preocupar com esse tipo de problema invasivo (Costa, 2013).

Tendo isso em vista, Costa (2013) destaca que a dominação masculina, que gera a divisão entre o ser homem e mulher, começa na família com a forma em que os afazeres domésticos são divididos, por exemplo. Na igreja, se fala muito sobre o pecado cometido por Eva, principalmente considerando a sociedade fortemente religiosa. Até mesmo nas escolas havia o predomínio masculino em números de estudantes, além de que, quando a menina frequentava a escola, era para aprender, geralmente, atividades relacionadas ao lar. As ideias de dominação e superioridade dos homens, bem como o papel da mulher associado à família, eram tão predominantes que realmente elas se submetiam às determinadas situações. Percebe-se isso quando uma mulher escreve a seguinte matéria:

FIGURA 4 - "A mulher" pelo olhar de uma mulher



Fonte: A palavra: Revista Litteraria dedicada á instrucção e recreio da mulher (1897)

Essa matéria da revista 4 (1897) é escrita por uma mulher, e é possível perceber que ela é totalmente a favor da instrução feminina comum da época e aborda essa ideia por diferentes pontos. Para a escritora, a mulher deve se manter no lar, ocupada com os afazeres dele e da família, como esposa e mãe, enquanto os homens vivem suas vidas fora de casa, para a sociedade, para o trabalho. Ela ainda nega a ideia de uma emancipação feminina, pois, se as mulheres saíssem de casa, ficariam longe desse seu mundo, além de que os homens não teriam quem fizesse as tarefas do lar para eles. Não bastando isso, no sentido religioso, Eva é apresentada como a culpada da situação por conta do pecado cometido; assim, a mulher inferiorizada era uma questão de justiça.

Ler isso como uma escrita feminina causa grande indignação, porém, na época, isso se tornava influência, pois, se uma mulher estava confirmando o que já escutavam frequentemente, aquilo era o ideal a ser seguido. O poder masculino era tão grande que até a questão das terminações do gênero da palavra é levada em consideração quando a autora escreve, em tom de repugnância, “a mulher bacharela, a mulher engenheira, a mulher deputada, a mulher magistrada, a mulher eleitora!”, afirmando que tais palavras combinam mais com os homens.

Essas questões envolvem também o ser “natural” que diferencia homens e mulheres, como já abordado em outros momentos no trabalho, e que influencia nas definições e instruções do seu papel social. Na matéria da revista 37 (1896), pode-se observar um pouco disso, sendo apresentadas as semelhanças e diferenças naturais entre eles, as quais abordam as questões físicas, desde os órgãos (que, na verdade, fazem referência biológica e geram o estereótipo para a definição dos sexos, bem como de força) até a questão de estatura, e também sentimentais, que colocam as mulheres mais uma vez como seres amorosos, sendo o oposto dos homens, que são naturalmente indelicados. Outra matéria que trata de comparações é a da revista 32 (1893), que, além de destacar as diferenças entre o homem e a mulher em seus comportamentos e sentimentos, ainda compara a mulher com uma “borboleta” em sua delicadeza.

Definições da mulher relacionadas à sua delicadeza, beleza, paciência, dentre outras nesse sentido, são bem comuns de encontrar na revista, principalmente nas matérias aqui vistas, denominadas “A Mulher”, as quais, em sua maioria, abordam essa questão. Além das que já foram citadas, as matérias das revistas 35 (1891), 7 (1894), 20 (1894), 7 (1895), 29 (1895), 34 (1896) e 39 (1896) insistem na definição da mulher como símbolo e exemplo de amor, doçura, delicadeza, fé, obediência, perfeição, e, ainda, na revista 3 (1897), são apontadas as missões seguidas por elas diante dessas características, as quais, obviamente, são ligadas à família e ao lar.

Já nas revistas 24 e 40 de 1896, essas características são colocadas em vantagem, pois, com elas, poderiam levar calma à vida dos homens, o que seria necessário, considerando todo o cansaço com que eles chegavam em casa depois de um longo dia de trabalho. Este último desconsiderava o

trabalho que as mulheres realizavam em suas casas, pois, mesmo dedicando-se a esse espaço e, geralmente, cuidando também dos filhos, ainda deveriam agradar seus maridos que chegavam “exaustos”, como se elas também não estivessem cansadas e não merecessem um descanso, uma calma em sua vida.

Portanto, as definições de mulher e as instruções dedicadas a elas na revista são tão reforçadas que se tornam maçantes e, muitas vezes, repetitivas. Dessa forma, as escritas permaneciam na mente de suas leitoras. Era comum para elas lerem sobre os ideais do ser mulher na revista, os quais eram escritos, em sua maioria, por homens que invadiam o mundo das mulheres, não apenas nessa revista, mas em outras publicadas na época, tratando principalmente sobre receitas, moda, teatro e romances, segundo Rodrigues (2017). Ou seja, por meio da revista, não chegavam com frequência informações relevantes sobre o mundo para as mulheres e muito menos conhecimento científico, pois, no Brasil do século XIX:

Alguns discursos misóginos defendiam que não era necessário ocupar a mente das mulheres com informações científicas, já que a função destas era cuidar da educação dos filhos e ser formadora dos futuros cidadãos. Para tanto lhes bastava uma formação moral sólida e princípios como honestidade, pureza, castidade dentre outros. (Rodrigues, 2017, p. 61)

É um tanto preocupante imaginar as mulheres lendo todas essas definições e instruções que eram escritas para elas. Não há como desconsiderar que, no século XIX, todas essas questões patriarcais, religiosas e culturais eram muito fortes na sociedade, fazendo com que muitas mulheres se calassem e se submetessem àquela condição secundária.

O ideal reforçando o papel de ser mulher foi transmitido e potencializado, tornando-se quase uma verdade, como é o caso da revista analisada. Tais mulheres, representativas do ideal feminino no século XIX, seguiram suas vidas para cumprir com a missão para a qual eram destinadas. Assim, muitas mulheres não foram donas do seu destino e sequer tiveram a oportunidade de se sentirem minimamente livres, mas, sem dúvidas, fizeram parte da história feminina na busca pelo desejo de mudanças que, aos poucos, foram acontecendo na sociedade.

Conclusão

O presente trabalho contou com a busca por referenciais teóricos para a escrita de um breve histórico sobre as mulheres no século XIX, como base para a análise dos retratos femininos na revista *A Palavra: Revista litteraria* dedicada à instrução e recreio da mulher, a fim de estabelecer relações entre as seções apresentadas.

O objetivo foi alcançado, pois conseguimos perceber a forma com que as mulheres eram instruídas considerando o papel social para o qual eram destinadas na época. Logo, foi possível perceber que tal instrução estava relacionada à família e ao lar, longe de uma instrução profissional e científica que proporcionasse autonomia e liberdade para elas. Destaca-se entre as definições e instruções: a mulher como uma obra de Deus, que possuía missões divinas relacionadas ao casamento e à maternidade; a mulher com sua vida associada aos homens da família, quando não era pelo pai, era pelo marido, e até mesmo pelos filhos; a mulher com características relacionadas à delicadeza, beleza, paciência, amor, doçura, fé, obediência e perfeição; o ser natural ou biológico que diferencia homens e mulheres no que diz respeito à força e à estatura, por exemplo.

Assim, a revista, que era destinada às mulheres, só reforçava o papel social que elas possuíam, seguindo a forte estrutura patriarcal e religiosa da época, influenciando-as a seguir no caminho ideal da pureza e da submissão. Vale ressaltar que a revista era paga mensalmente, e por isso, as mulheres que tinham acesso a ela eram as que possuíam melhores condições financeiras. A situação das mulheres piorava quando se consideravam também as questões de classe social, econômica e racial, sendo ainda mais inferiorizadas e sem acesso a informações pelos meios de comunicação.

Estudar e pesquisar sobre a história das mulheres no passado permite a compreensão de suas condições e lutas atuais, além de refletir sobre as transformações ainda necessárias para o futuro, com o objetivo de alcançar a equidade de direitos e o respeito sobre a sua vida. Portanto, este estudo com fontes históricas permite olhar para o passado e fazer uma reflexão crítica quanto aos avanços e retrocessos que envolvem as definições do papel social da mulher, e, conseqüentemente, as instruções que ocorreram ao longo da história e que refletem na atualidade vivenciada por elas.

Olhar para as definições e instruções apresentadas na revista foi um trabalho significativo que mostrou a força e a influência que o patriarcado e a religião possuíam na sociedade, resultando em estereótipos acerca do papel social da mulher, que ainda nos dias atuais precisam ser superados de forma coletiva para que as mulheres sejam olhadas com respeito em sua vida pessoal e profissional, sem associações ao ser mãe e esposa, do lar, e muito menos a um homem.

De forma geral, o trabalho com periódicos, bem como com outras publicações do século XIX, revela o impacto da imprensa na construção e formação da mulher. No caso de *A Palavra*, trata-se de uma revista que possui 198 publicações disponíveis, que podem certamente desencadear novas pesquisas que envolvem o universo feminino em questões sociais, políticas, educacionais, entre outras, a partir de um instrumento que reflete padrões patriarcais vigentes daquele período, sendo possível estabelecer relação ou comparação com outros periódicos da época.

Referências

A PALAVRA: REVISTA LITTERARIA DEDICADA A INSTRUÇÃO E RECREIO DA MULHER.

Alagoas, 1889-1897. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/palavra/843792>. Acesso em: 05 mai. 2025.

BARROS, J. D. **Fontes históricas – uma introdução aos seus usos historiográficos**. História e parcerias, ANPUH. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/339956900_Fontes_Historicas_-_uma_introducao_aos_seus_usos_historiograficos. Acesso em: 12 jun. 2022.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CAMPOI, I. C. O livro “Direito das mulheres e injustiça dos homens” de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. **História**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 196-213, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/32963882/O_livro_Direitos_das_mulheres_e_injusti%C3%A7a_dos_homens_de_N%C3%ADsia_Floresta_literatura_mulheres_e_o_Brasil_do_s%C3%A9culo_XIX. Acesso em: 20 mai. 2022.

COSTA, L. R. da. História e gênero: a condição feminina no século XIX a partir dos romances de Machado de Assis. **Revista Eletrônica Discente História.com.**, Cachoeira, v. 1, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/historiacom/article/view/117>. Acesso em: 6 jun. 2022.

CUNHA, K. D. da. **As mulheres brasileiras no século XIX**. Encontro Nacional do Grupo de Trabalho Gênero/ANPUH, UFES. Vitória, 2014. Disponível em: https://legpv.ufes.br/sites/legpv.ufes.br/files/field/anexo/karolina_dias_da_cunha.pdf. Acesso em: 25 maio 2022.

DEL PRIORE, M. **Sobreviventes e guerreiras: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000**. São Paulo: Planeta, 2020.

FLORESTA, N. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**. São Paulo: Cortez, 1989.

LOPES, S. F. “Retratos” de uma mulher na literatura brasileira do século XIX. **Revista Plures Humanidades**. Ribeirão Preto, ano 12, n. 15, p. 117-140, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstreams/8e5bb6e2-1ab6-46df-a3c9-2efd23505880/download>. Acesso em: 7 jun. 2022.

PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, v. 24, n. 1. São Paulo, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/fhHv5BQ6tvXs9X4P3fR4rtr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2022.

RODRIGUES, D. Escritos de e para mulheres no século XIX: o conceito de emancipação e a representação feminina no Jornal das Senhoras. **Revista Outras Fronteiras**, v. 4, n. 1. Cuiabá, 2017. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/256/pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

ROQUETTE, J. I. **Código do bom-tom, ou regras de civilidade e de bem viver no século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Olhar de professor, Ponta Grossa, v. 28, p. 1-23, e-23265.033, 2025. Disponível em <<https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>>

VAQUINHAS, I. M. Miserável e gloriosa: a imagem ambivalente da mulher no século XIX. In: **A mulher na vida e obra de Camilo**. Centro de Estudos Camilianos. Vila Nova de Famalicão, 1997. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/36590>. Acesso em: 29 set. 2022.

Recebido: 15/04/2025
Aceito: 11/04/2025

Received: 04/15/2024
Accepted: 04/11/2025

Recibido: 15/04/2024
Aceptado: 11/04/2025

